

16. J. 2058

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 23

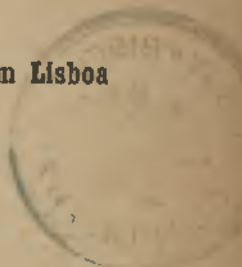
O Imperio Britanico

Col. 2

O principio de nacionalidade

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1917



O Imperio Britanico e o principio de nacionalidade

Poderá parecer á primeira vista que a resolução proclamada pelas potencias aliadas de que as nações pequenas devam ter os seus destinos debaixo da sua propria direcção, trará como consequencia a dissolução do Imperio Britanico. Porém um estudo leal das condições daquelle imperio e das suas partes componentes responderá a tais idéas. Poderá alguém supôr que Ceilão, por exemplo terá de ser restituído aos seus ignorantes indigenas asiaticos? Deveriam então ficar sujeitos aos tres milhões de singaleses os tameses que não contam senão um milhão? Seriam convidados os quatro milhões de negros da Africa Oriental, ou os tres milhões de Uganda, a restabelecerem o barbarismo? Deverão collocar-se como estrangeiros os europeus da Africa do Sul, computados em 1.250.000, sob a sabia politica de 5 milhões de pretos? Haverá algum ente no seu juizo que proponha restituir grandes e fertéis áreas africanas aos basutos, aos swazis, aos somalis, ou aos indigenas da Niassalandia e de Zanzibar.

O Imperio Britanico abunda em exemplos destes, o que prova desde logo que o principio de nacionalidade deve em justiça ser limitado por outros principios. Não só os povos devem-se achar em condições proprias de se governarem, mas devem ter uma homogeneidade que justificasse o direito a um governo nacional e devem

possuir a capacidade de defender a sua independência contra quaisquer vizinhos cubiçosos. Não sofre dúvida que a grande maioria das possessões britânicas, lóra algumas estações navais que se não podem classificar razoavelmente como pequenas nacionalidades acham-se, tanto nos interesses da civilização como nos seus próprios, em melhores condições actualmente do que estariam debaixo doutro regimen.

As unicas Dependências Britânicas que poderiam entrar em discussão sob este aspecto são: a Irlanda, o Egypto e a India. A questão irlandeza não se pode nesta conjunctura discutir-se com proveito. Que a Inglaterra possa conceder a independência a uma ilha que dista só 20 milhas da sua costa e cujo animo está irritado contra ella por recordações de tempos idos, onde a quarta parte pelo menos da população é intensamente britânica e deseja permanecer britânica, é de todo o ponto inadmissivel. O maximo que se pode esperar é que lhe conceda uma especie de governo colonial e o governo britânico está disposto quasi unanimemente a estudar essa solução. A maior dificuldade no presente é a grande divergencia de opinião que existe entre os proprios irlandezes. Não será facil aplicar o principio de nacionalidade a um povo que está dividido em tres partidos de força quasi igual e de exigencias adversas.

Ao considerar os problemas do Egypto e da India é importante recordar a condição cultural da grande massa do povo. O pedido de governo independente parte duma classe muito pequena

relativamente; e como estes são os únicos indígenas capazes de ocupar logares administrativos, é justo duvidar do seu desinteresse no assunto. Quando esses nos asseguram que os seus conterrâneos estão aptos para a autonomia, não podemos deixar de recordar que eles são os próprios que esperam ter nas suas mãos as rédeas do governo. Não é fácil acreditar que os fellahen do Egypto e os milhões de analfabetos da India estejam em condições de dirigir o complexo maquinismo duma civilização moderna.

Em cada caso apresentam-se dificuldades especiais. Viu-se, não ha muitos anos, quão facil será a um aventureiro barbaro — se os europeus se retiram — invadir o Egypto e ameaçar de ruina o elo que une a Europa á Asia. Emquanto á India, a applicação literal do principio de nacionalidade traria um caos deploravel. Dos 245 milhões de habitantes só 82 milhões são hindús. Naquele enorme agregado de povos e cultos, ha nada menos de oito raças diferentes, tendo cada uma mais de 10 milhões de representantes.

Nenhum estudante politico de seriedade pode alegar que o Imperio Britanico esteja em contradicção com os principios modernos humanitarios. Comparados com os problemas da India, são bem simples os da Austria-Hungria, onde 22 milhões de alemães e magiares dominam 26 milhões de slavos. Na propria Russia pouco mais de metade da população é slava, e existem nada menos de 24 nacionalidades. Uma conferencia que se propuzesse libertar todas as pequenas nacionalidades do mundo teria uma tarefa irrealisavel.

